A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS NA PSICANÁLISE FREUDIANA: ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E TÉCNICA CLÍNICA

LIMA, Kauany L;
MOREIRA, Marjhorye;
AGUIAR, Giancarlo,
Psicólogo, Docente do Curso de Graduação de Psicologia da UNOESC. Mestre em Filosofia da Natureza e do Ambiente. Doutor em Filosofia da Cultura (FLUL), Pós-doutorado em Psicologia Socioambiental (IP.USP).

Resumo

A obra A Interpretação dos Sonhos (FREUD, 1900, p. 123-124) de Sigmund Freud inaugura a psicanálise e estabelece os fundamentos da teoria do inconsciente, compreendendo o sonho como a realização disfarçada de desejos reprimidos. Posteriormente, com Além do Princípio de Prazer (FREUD, 1920, p. 39), Freud amplia essa concepção, introduzindo as pulsões de vida e de morte e o conceito de compulsão à repetição, o que modifica a compreensão da função do sonho, especialmente em contextos traumáticos. Este trabalho tem como objetivo articular teoria e técnica da abordagem freudiana, demonstrando como a interpretação dos sonhos constitui um instrumento clínico essencial para o acesso ao inconsciente. Na prática psicanalítica, a análise dos sonhos permite ao sujeito elaborar seus conflitos e traumas, integrando aspectos reprimidos de sua vida psíquica. Assim, teoria e técnica se entrelaçam na escuta analítica, promovendo uma transformação subjetiva.

Com a publicação de A Interpretação dos Sonhos (1900, p. 123-124), Sigmund Freud inaugura uma nova forma de compreender a mente humana, fundamentando a psicanálise como ciência do inconsciente. Nessa obra, o sonho é descrito como uma realização simbólica e disfarçada de desejos reprimidos, expressão do conflito entre o inconsciente e a censura psíquica. A análise dos sonhos tornou-se, desde então, um dos pilares do método psicanalítico

e uma das vias privilegiadas para acessar os conteúdos latentes do sujeito. Anos depois, em Além do Princípio de Prazer (FREUD, 1920, p. 34), Freud revisou e aprofundou sua teoria, observando que nem todos os sonhos obedecem à lógica da satisfação de desejo. O autor passa a considerar a existência de uma pulsão de morte e de um princípio de repetição que vai além da busca pelo prazer. Essa ampliação teórica teve impacto direto na técnica analítica, pois evidenciou que o sonho também pode representar o retorno compulsivo de experiências traumáticas. Assim, este trabalho propõe discutir a teoria e a técnica freudianas relacionadas à interpretação dos sonhos, articulando-as à prática clínica e à compreensão contemporânea dos processos inconscientes.

Em A Interpretação dos Sonhos, Freud concebe o sonho como o "guardião do sono" e a realização disfarçada de um desejo inconsciente (Freud, 1900, p.238-239). Essa realização ocorre por meio do "trabalho do sonho", composto pelos mecanismos de condensação, deslocamento, figurabilidade e dramatização, responsáveis por transformar o conteúdo latente — formado pelos desejos reprimidos — em conteúdo manifesto — o sonho recordado e narrado. A condensação reúne várias ideias em uma só imagem; o deslocamento transfere a carga afetiva de um elemento importante para outro aparentemente secundário; a figurabilidade traduz pensamentos em imagens visuais; e a dramatização organiza o sonho como uma sequência narrativa (Freud, 1900, p.263). Esses processos revelam o funcionamento do inconsciente, que utiliza linguagem simbólica e associações livres de lógica consciente. Entretanto, a partir de Além do Princípio de Prazer, Freud reconhece que há sonhos que não produzem prazer e, ao contrário, repetem situações dolorosas — como ocorre em pacientes traumatizados (Freud, 1920, p.34). Nesses casos, o sonho não busca a satisfação de um desejo, mas tenta dominar psiquicamente o trauma pela repetição. Essa constatação levou Freud a postular a existência de duas forças fundamentais: as pulsões de vida (Eros), voltadas para a conservação e união, e as pulsões de morte (Thanatos), associadas à destruição e repetição (Freud, 1920, p.39). Assim, a teoria dos sonhos passa a abranger não apenas a realização de desejos, mas também o papel do sonho na tentativa de simbolizar o trauma e restaurar o equilíbrio psíquico. O sonho, portanto, é expressão tanto da busca de prazer quanto da força de repetição inerente à vida psíquica. A técnica freudiana de interpretação dos sonhos se fundamenta na associação livre, método no qual o paciente é convidado a relatar todas as ideias e sentimentos que surgem a partir de cada elemento do sonho, sem censura ou julgamento. O analista, por sua vez, assume uma posição de escuta atenta e neutra, buscando compreender o significado subjetivo dos símbolos oníricos. Freud adverte que não se deve

interpretar o sonho como um todo, mas sim analisar cada fragmento em suas associações. Essa abordagem permite que o conteúdo latente — os desejos, lembranças e conflitos reprimidos — emerja gradualmente. O analista evita atribuir significados fixos aos símbolos, pois estes variam conforme a história e a experiência do sonhador. Com Além do Princípio de Prazer, essa técnica se amplia: o analista deve considerar não apenas o conteúdo simbólico do sonho, mas também sua repetição, estrutura afetiva e função na economia psíquica do sujeito. Quando o sonho reitera experiências dolorosas, ele é entendido como uma tentativa do psiquismo de dominar a excitação traumática por meio da repetição simbólica. Laplanche e Pontalis (2001, p. 84) destacam que essa compulsão constitui uma força interna que se impõe ao sujeito. A técnica psicanalítica fundamenta-se na associação livre, na qual o paciente articula espontaneamente ideias relacionadas ao sonho, enquanto o analista mantém uma escuta flutuante. Assim, a técnica freudiana integra teoria e prática ao reconhecer que o sonho pode expressar tanto o desejo quanto a tentativa de elaboração do sofrimento. Na prática clínica, os sonhos constituem um material privilegiado de trabalho analítico, pois permitem o acesso direto ao inconsciente. A teoria fornece a base conceitual para compreender os processos psíquicos envolvidos, enquanto a técnica possibilita sua aplicação no contexto da análise. Durante a escuta analítica, o sonho narrado pelo paciente oferece pistas sobre seus desejos, defesas e repetições inconscientes. Quando o analista o interpreta, contribui para que o paciente se aproprie de seus conteúdos internos, elaborando aquilo que estava recalcado. Ao mesmo tempo, quando o sonho apresenta repetições de situações dolorosas, a análise permite que o sujeito simbolize o trauma e, progressivamente, encontre novas formas de lidar com suas experiências. Assim, a teoria dos sonhos e a técnica de sua interpretação exemplificam a inseparabilidade entre teoria e prática na psicanálise, interpretar sonhos não é apenas decodificar significados, mas escutar modos de subjetivação. É nesse diálogo entre o inconsciente e a escuta analítica que a teoria se torna viva na prática.

A teoria dos sonhos desenvolvida por Freud em A Interpretação dos Sonhos e reformulada em Além do Princípio de Prazer evidencia o caráter dinâmico da psicanálise, capaz de integrar desejo, trauma e repetição na compreensão da vida psíquica (Freud, 1996; Freud, 2020). A interpretação dos sonhos, enquanto técnica clínica, operacionaliza esses conceitos, permitindo ao sujeito acessar, elaborar e transformar conteúdos inconscientes. Assim, teoria e prática se unem em um mesmo movimento de escuta e compreensão do inconsciente. O sonho torna-se não apenas a “via régia” para o inconsciente, mas também um espaço de elaboração simbólica, no qual o sofrimento psíquico pode ser traduzido em palavras e ressignificado

(Garcia-Roza, 2004). Dessa forma, permanece como um campo privilegiado de construção de sentido na clínica psicanalítica, fazendo da psicanálise uma abordagem contemporaneamente relevante para o entendimento da subjetividade humana (Laplanche & Pontalis, 2001).

REFERÊNCIAS

FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Além do Princípio de Prazer* (1920). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASIO, J.-D. *Como Trabalha um Psicanalista?* Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RIBEIRO, C. *O Sonho e a Psicanálise: Da Teoria à Clínica*. São Paulo: Escuta, 2015.

kauany66lima@gmail.com, marjhoryesthefan@gmail.com, giancarlo.aguiar@unoesc.edu.br